

A NEGOCIAÇÃO DA IMAGEM NA ENTREVISTA DE TELEVISÃO: CONTEXTUALIZANDO UM OBJETO DE PESQUISA

*Maria do Carmo Milito Gama**

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de situar a interação oral do tipo entrevista jornalística de televisão como um objeto de pesquisa à luz da teoria das faces (GOFFMAN, 1967), com base nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversação. Para isso, propõe discutir as práticas linguístico-discursivas da entrevista de televisão no que diz respeito ao processo de negociação da imagem dos participantes na interação, apresentar dados de uma pesquisa realizada acerca desse objeto, além de relatar trabalhos de outros autores, que também investigaram o tema em pauta.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista jornalística de televisão; Interação oral; Negociação da imagem.

Introdução

O objetivo deste trabalho é situar a interação oral do tipo entrevista jornalística de televisão, em suas especificidades linguístico-discursivas, como um objeto de pesquisa a ser analisado à luz da teoria da negociação da imagem, teoria esta proposta por Goffman (1967) e desenvolvida posteriormente por Brown & Levinson (1987), em seus estudos sobre a polidez como uma das estratégias linguísticas de preservação da face.

Originalmente, este trabalho constitui um dos capítulos de uma pesquisa (AUTOR) que teve como objetivo analisar as práticas discursivas de negociação da imagem em seis entrevistas jornalísticas de televisão de emissoras locais, ou seja, da cidade onde a

* Doutorado em Letras e Linguística, na área da Pragmática com ênfase na Sociolinguística Interacional, pela Universidade Federal Alagoas – UFAL. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL.

pesquisa foi desenvolvida. Na pesquisa, buscou-se investigar questões sobre a relação entre as estratégias linguístico-discursivas de negociação da imagem na interação e a tentativa de isenção, ou de distanciamento no discurso, por parte dos interlocutores, entrevistador e entrevistado, considerando os componentes contextuais de cada entrevista.

Para o presente artigo, desenvolvo o tema proposto em quatro partes: na primeira, apresento alguns conceitos da interação oral do tipo entrevista, focalizando especificamente as entrevistas jornalísticas de televisão e, dentre essas, especifico o tipo que foi escolhido para a análise na citada pesquisa. Na segunda parte, introduzo aspectos básicos sobre a teoria da negociação da face, conforme os autores citados, para discutir as possíveis ameaças à imagem dos interlocutores que se constituem no discurso da entrevista jornalística de televisão. Em seguida, na terceira parte, destaco alguns conceitos usados na área da Sociolinguística Interacional relacionando-os ao contexto do tipo de entrevista em foco, e apresento alguns exemplos de ocorrências de práticas discursivas de preservação da face, dentre os analisados nos dados da pesquisa que deu origem a este artigo. Na quarta parte, antecedendo as considerações finais, apresento breves relatos sobre estudos de outros autores, relacionados à mesma temática, a fim de ilustrar comparativamente a proposta de pesquisa que discuto neste trabalho.

1 A interação oral do tipo entrevista

De forma geral, a entrevista é um tipo de interação verbal muito comum no nosso cotidiano, especialmente em se tratando de contextos institucionais. Segundo Garret (1991), a entrevista consiste em um tipo específico de conversa que é comumente realizado por diversos profissionais como, por exemplo, médicos, psicólogos, psiquiatras, advogados, arquitetos, sacerdotes, jornalistas, professores etc. com seus formatos e objetivos particulares ao contexto social e profissional de cada um deles.

Em termos de estrutura conversacional, a entrevista se caracteriza pela composição de um discurso coletivo, geralmente entre duas ou mais pessoas, produzido mediante o par conversacional pergunta e resposta. Na Análise da Conversação o termo “par con-

versacional” também é referido como “par adjacente”, e indica uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação (MARCUSCHI, 1991, p. 35).

Na área específica da comunicação social há várias definições para o gênero conversacional “entrevista”. Morin (1973) a define como uma comunicação pessoal que tem em vista um objetivo de informação e que, no caso dos meios de telecomunicação, como a televisão, pode também ter um fim espetacular. Destaca-se também, no meio jornalístico, a definição de entrevista como um diálogo. Nessa breve definição está contida a ideia de que uma entrevista é uma interação que deve ir além de ser um simples método para obter informações de interesse, através de perguntas e respostas, para constituir-se em um meio de comunicação social, que exige não só um preparo técnico, mas também humanístico (CAMPOS, 2003; LAGE, 2001; MEDINA, 1995).

Em relação a uma classificação, na área do jornalismo, e especificamente da entrevista de televisão, dois tipos são elencados: a entrevista de informação ou opinião, e a de perfil (CAMPOS, 2003). No primeiro, o entrevistador tem o objetivo de entrevistar para colher/dar informações e/ou para revelar opiniões. Geralmente é o tipo de entrevista em que o entrevistado é uma autoridade, um líder ou especialista, que tem algo a dizer sobre algum assunto que é, ou está sendo naquele momento, de interesse público. No segundo tipo, entrevista de perfil, o objetivo é entrevistar uma personalidade para mostrar como ela vive. Geralmente, esse tipo de entrevista é realizado em programas específicos para o gênero, como é o caso do exibido em rede nacional, intitulado *Marília Gabriela Entrevista*, apresentado pela jornalista que dá nome ao programa.

Na pesquisa realizada a partir da proposta apresentada no presente trabalho, o *corpus* analisado foi constituído de seis entrevistas de informação e opinião, que aconteceram em noticiários locais de televisão. Além do fato de que o conteúdo das discussões levantadas nesse tipo de entrevistas parecer mais abrangente, em termos de interesse do público, foi também relevante para a seleção do *corpus* o fato de essas entrevistas realizarem-se em um tempo relativamente breve (de cinco a dez minutos), mas, ao mesmo tempo,

apresentarem uma sequência completa de conversa, com começo, meio e fim, permitindo uma investigação adequadamente situada em termos de enquadres, que são as sequências que constituem unidades delimitadas e apropriadas para análise do discurso, de acordo com os princípios da Sociolinguística Interacional (comentários mais detalhados na terceira parte deste trabalho).

2 As ameaças à imagem que se constituem no discurso da entrevista jornalística de televisão

De acordo com Goffman (1967), que se propôs a estudar as interações humanas para tentar entender melhor o que está em jogo quando conversamos uns com os outros, em qualquer situação interacional estamos sempre empenhados em preservar a nossa face, ou, em outros termos, negociar a nossa imagem¹, e empregamos uma série de estratégias verbais e não verbais para tentar resguardá-la. Negociar a imagem em um encontro não depende apenas de um dos participantes, mas dos dois, ou mais de dois, que interagem na situação. Isso pode ser feito tanto através de extensos turnos de fala, como de simples movimentos corporais. Seja como for, a ação de negociar a própria imagem e a do outro estará sempre presente nas interações humanas.

A noção de “face” dada por Brown e Levinson (1987) é derivada da definição apresentada por Goffman (1967) e do termo popular da língua inglesa *lose face* (perder a face), que relaciona a palavra face a situações em que há humilhações ou constrangimentos. Segundo esses autores, a face é algo em que se investe emocionalmente, ou seja, que deve ser constantemente cuidada em uma interação social, e que pode ser perdida, mantida, ou melhorada, de acordo com a maneira como se usam estratégias linguísticas para sua preservação. Eles supõem que, apesar da essência da face ser diferente em diversas culturas (pois o que é considerado uma boa imagem pública para algumas sociedades po-

¹ Nesta e em outras pesquisas sobre o tema, usamos os termos *face* e *imagem* com o mesmo sentido, sobre o qual tecemos considerações nessa segunda seção do presente artigo.

de não ser para outras), a necessidade de se trabalhar a face, ou seja, de se preservar a imagem, em uma interação social, é universal.

Para esses autores, a face, ou a imagem que todos os membros de uma sociedade desejam reivindicar para si, é dividida em dois aspectos, que eles denominam de “face positiva” e “face negativa” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 62). O primeiro aspecto, a chamada face positiva, refere-se ao desejo de ter a autoimagem apreciada e aprovada pelos outros, inserindo-se aí as próprias ideias, gostos, valores, ações etc. Em suma, é o que se deseja mostrar aos outros. Por outro lado, as estratégias de preservação da face negativa são aquelas que atendem aos desejos do interlocutor de se preservar, de não se expor, nem de revelar características pessoais e/ou fatos inadequados para a construção e manutenção do que ele/ela considera uma boa imagem social, naquele específico e situado evento comunicativo. Sendo o inverso da face positiva, a face negativa é o desejo de esconder o que não se considera conveniente expor.

Como membro de uma banca de defesa de trabalho sobre o tema (UFAL, 2010), o Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck deu uma definição que ilustra metaforicamente muito bem essa bilateralidade da imagem pessoal: “são as duas faces da lua: aquilo que se mostra e aquilo que se esconde”. A esses dois aspectos correspondem, respectivamente, os conceitos de polidez positiva e polidez negativa. Fazer um elogio a outra pessoa, por exemplo, pode fazer parte da polidez positiva, e evitar falar de um assunto que pode ser constrangedor, por outro lado, faz parte da polidez negativa.

Na entrevista, objeto de pesquisa do nosso trabalho, pode-se observar a princípio que pela própria estrutura conversacional, constituída basicamente pelo par adjacente pergunta e resposta, onde em geral espera-se que um interlocutor pergunte (o entrevistador) e o outro responda (o entrevistado), a face negativa daquele que responde pode estar sempre correndo riscos. Segundo Medina (1995),

De qualquer maneira, mesmo tomando como referência uma situação ideal de empatia entre entrevistado e entrevistador, o que se coloca de imediato – em todas as entrevistas – é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. (...) Por princípio, um jornalista diante de

qualquer pessoa é, no mínimo, um invasor, um perturbador da privacidade, aquele tipo que quer tornar público o que o indivíduo nem sempre está disposto a desprivatizar (1995, p.30).

A autora faz uma afirmação que parece radical quando generaliza a situação da entrevista, afirmando que em “todas” elas existe um processo de embate a ser enfrentado. Mas, como mencionado anteriormente, a seqüência pergunta e resposta pode ser, a partir do primeiro elemento (a pergunta), naturalmente invasiva, pois, para ser bem sucedida na interação, exige que o outro se posicione, responda, aja, e assim, de alguma forma se exponha.

Aqui, cito a expressão popular e irônica “perguntar não ofende”, cujo emprego seria um despropósito se não houvesse a intenção implícita de justificar uma possível ameaça no ato de interrogar o outro. Interrogar, por si só, a depender do contexto, parece simples e inofensivo, como diz o ditado. No entanto, como a interrogação em si não constitui um ato de fala, mas sim um aspecto estrutural de uma conversação, ou um componente de um par conversacional (LEVINSON, 1983; MARCUSCHI, 1991), a intenção implícita a qual me referi, que pode haver por trás de uma simples pergunta, é que pode apresentar algum problema para os interlocutores. Perguntando é possível criticar, solicitar favores, dar ordens, acusar etc. Ou seja, realizar uma série de atos que são considerados implicitamente ameaçadores (BROWN & LEVINSON, 1987), mas, que a depender de elementos contextuais, além da maneira como são proferidos, podem se constituir em uma ameaça ou não à imagem daquele a quem a pergunta é direcionada, ou de outros, de alguma forma envolvidos no discurso.

Ainda, se a generalização feita por Medina for relacionada não só à estrutura da conversação, mas mais especificamente à função realizada pelo jornalista, a partir de seu papel de entrevistador no evento discursivo, há que se considerar que esse tipo de interação pode, de fato, sempre se configurar em uma ameaça para aquele que está ali para ser o entrevistado. Explicando, espera-se que, a princípio, o entrevistador assuma a posição de comando na interação, e nessa posição cabe a ele dirigir a conversa, tanto em termos

de tomada de turnos como em relação à escolha dos tópicos que deverão ser discutidos pelo entrevistado.

Porém, devido a todo o processo conversacional e à sua característica interacional de construção compartilhada, se para o entrevistado a situação é difícil porque ele precisa, a princípio, defender o próprio território de possíveis investidas indesejadas, a posição do entrevistador também exige certos cuidados. A ele, na função de condutor da interação, é necessária também a habilidade de usar recursos discursivos que, de uma maneira ou de outra, “desarmem” o entrevistado e o façam responder ao que lhe é solicitado. Por outro lado, a instabilidade inerente às situações sociais (ERICKSON, 2003) pode promover uma inversão de papéis, com o entrevistado se colocando no lugar do entrevistador e vice-e-versa, o que pode provocar um risco ainda maior para as faces dos participantes.

A entrevista jornalística que nos propomos investigar é a entrevista que acontece nos estúdios das emissoras, em programas de notícias. Diferentemente de encontros fortuitos que podem acontecer no dia-a-dia das pessoas, esse é um tipo de interação em que é possibilitado aos interlocutores saber, antecipadamente, quem serão os participantes da conversa, o momento, o local e o assunto que irá ser tratado. O propósito geral desse tipo de entrevista é convidar alguém para informar e/ou opinar sobre determinado tema, que está relacionado, de alguma forma, à vida pessoal e/ou profissional do entrevistado e, certamente, aos interesses do jornalista e/ou emissora que veicula o programa.

Nesse tipo de ocasião, em que os participantes podem, até certo ponto, prever a situação, é comum que todos se preparem para o evento comunicativo. No geral, essa preparação pode ser feita a partir da elaboração mental de frases ou expressões que as pessoas imaginam que serão adequadas para a situação que está por acontecer. Na situação da entrevista de televisão, que é veiculada para uma grande quantidade de pessoas (telespectadores), é comum que essa preparação seja ainda mais cuidadosa, para que se apresente uma imagem favorável às próprias expectativas e às supostas expectativas dos outros, seja como o profissional jornalista que faz a pergunta, ou como o entrevistado que, a princípio, está ali para responder ao que lhe é requisitado.

É esse aspecto, especificamente, que pode ser analisado sob a perspectiva da teoria das faces e do que discutem alguns de seus estudiosos: seja através de recursos verbais e/ou não verbais, para evitar ou corrigir situações em que o risco às faces seja um empecilho para a fluidez na conversação (GOFFMAN, 1967), e/ou do uso de recursos linguísticos de polidez para preservar as faces em jogo na interação (BROWN & LEVINSON, 1987).

3 Enquadres e alinhamentos na interação

Goffman (1998b) vê a interação entre pessoas como uma situação complexa, mais ampla do que pode parecer a princípio, em que várias outras situações mais específicas podem ser destacadas e analisadas separadamente. A conversa não é simplesmente um bloco compacto em que uma pessoa fala e a outra ouve. Os papéis de cada um podem mudar no decorrer da ação conversacional.

Para quem observa uma conversa entre pessoas, uma forma muito clara e primária desta mudança é quando o falante passa a ser ouvinte e vice-versa. Outras formas mais sutis, porém, podem ser percebidas pelas pessoas engajadas no ato da conversa, ou mesmo por aquelas que não estão participando diretamente da interação. Um exemplo dado pelo autor é quando “um participante sinaliza sua partida iminente de um encontro conversacional ao mudar sua postura ou ao redirecionar a sua atenção, ou ainda ao alterar o contorno da entonação de sua última afirmação.” (GOFFMAN, 1998a, p. 15).

A percepção da atividade que está sendo encenada na interação e de qual sentido os falantes dão ao que dizem é o que constitui a noção interativa de enquadre, termo introduzido por Gregory Bateson e que Goffman desenvolveu e aprofundou em seu estudo intitulado *Frame Analysis* (RIBEIRO & GARCEZ, 1998). Na área da Sociolinguística Interacional (SI), o enquadre pode ser conceituado como uma unidade de análise do discurso (TAVARES, 2007), ou seja, enquadre é a definição do que está acontecendo na interação sem a qual nenhuma elocução ou gesto pode ser interpretado (TANNEN & WALLAT, 1998). Recorrendo ao sentido mais literal da palavra, o enquadre também pode ser

conceituado como o que delimita e diferencia uma situação interacional de outra. Essa delimitação e/ou diferenciação é feita não só através das ações linguísticas e dos gestos que acompanham essas ações, mas também a partir dos elementos contextuais que compõem cada situação, os quais correspondem, em termos gerais, às pessoas que participam, ao tempo e ao espaço em que cada situação acontece. (GOFFMAN, 1998a).

Assim, a depender de todos esses elementos é que uma situação de interação pode ser interpretada em seu sentido socialmente construído. Uma mesma situação, a depender do contexto, pode ser interpretada, por exemplo, como uma discussão ou como uma brincadeira. Quando os sentidos são interpretados diferentemente pelos participantes de uma interação, pode surgir uma situação constrangedora, em que as faces dos presentes ficam ameaçadas. Um exemplo desse tipo de situação é quando o que se configura em uma interação é interpretado como uma piada para um participante e como uma ofensa para o outro. Nas palavras do autor:

Eu penso que definições para uma situação são construídas de acordo com os princípios da organização que governam os eventos – pelo menos os eventos sociais – e com o nosso envolvimento subjetivo com estes eventos; enquadre é o termo que eu uso para me referir a esses elementos básicos à medida que eu consigo identificá-los. Esta é minha definição de enquadre. Minha expressão “análise de enquadres” é uma frase que se refere à investigação da organização da experiência sob esta ótica. (GOFFMAN, 1974, p. 10-11)²

Para Goffman (1998b), a partir da variação dos enquadres em uma interação, há também uma mudança em relação aos próprios enunciados, ou comentários que são feitos pelos falantes. Para o autor, estes podem ser classificados a partir dos próprios formatos de produção, que se diferenciam entre si e apontam para três tipos de enunciadore: um

² Tradução desta pesquisadora para o original: *I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events – at least social ones – and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify. That is my definition of frame. My phrase “frame analysis” is a slogan to refer to the examination in these terms of the organization of the experience.*

animador, um autor e um responsável³. As características de cada um destes papéis são assim definidas: *animador* é todo aquele que profere um enunciado, ou que efetivamente enuncia uma sequência de palavras; *autor* é aquele que compõe e organiza o que é dito; e *responsável* é aquele que expressa o seu próprio ponto de vista ou posicionamento através do enunciado proferido.

Quando se muda o papel, diz-se que o interlocutor mudou de *footing*. Goffman (1998b) usa esse termo, *footing*, para referir-se ao estado, ou alinhamento mantido pelo interlocutor, que varia de acordo com a mudança de posição que ele assume na recepção ou produção de uma locução. Todas essas posições, em conjunto, podem corresponder a um único indivíduo falante, ou seja, é comum que o interlocutor assuma simultaneamente as três identidades, de animador, autor e responsável pelo enunciado (CLAYMAN, 1992).

Nas palavras de Goffman, “a mudança de *footing* está comumente vinculada à linguagem; quando este não for o caso, ao menos podemos afirmar que os marcadores paralinguísticos estarão presentes.” (1998b, p. 75). Ou seja, as mudanças de papel podem ser muito sutis, e são expressas não só em razão das escolhas linguísticas do falante, como também da postura corporal, entonação de voz, entre outros elementos não verbais que constituem os interlocutores nas interações.

Esses conceitos usados por Goffman nos remetem a uma característica discursiva da entrevista jornalística: nesse tipo de interação, segundo Campos (2003b), o jornalista será sempre um intermediário representando seu leitor (ou telespectador) diante do entrevistado. Essa posição assumida pelo jornalista permite que ele fale pelo outro, ou em nome do outro. Um exemplo comum é quando ele cita outras fontes envolvidas com o fato que está sendo informado, como observamos em vários trechos das entrevistas analisadas. Nesses casos, ele está sempre assumindo o *footing* de animador e autor, e não de responsável. Essa característica discursiva parece concorrer para a preservação da face

³ Traduções de Ribeiro e Garcez (1998) para os termos *animador*, *autor*, e *principal*.

negativa do jornalista não só na entrevista, mas em qualquer cenário que ele atue como profissional.

Alguns exemplos explícitos dessa prática discursiva foram encontrados em quatro das seis entrevistas selecionadas como corpus para a pesquisa realizada, quando o/a entrevistador/a deslocava o papel de responsável para outros, que podiam ser o interlocutor direto ou terceiros. A seguir, reproduzimos alguns turnos, de quatro dos seis entrevistadores, que ilustram essas ocorrências⁴. Os trechos que ilustram os exemplos estão destacados entre aspas:

Entrevista 2:

ER 17. esses comerciantes estão sendo bem informados porque “eles dizem” que as informações estão um pouco desencontradas o que que está prevendo o projeto?

Entrevista 4:

ER 19. “os jornais divulgaram hoje” secretário que a sua saída da pasta... é dada como certa... isso é verdade? eu gostaria que o senhor esclarecesse isso

ER 21. “o senhor divulgou algumas vezes” que os índices de violência no estado durante esse ano diminuíram

ER 25. “nos jornais também” o gabinete de gestão integrada e o conselho estadual de segurança tem sido alvo de algumas críticas

Entrevista 5:

ER 5. “a senhora falou” de um documento específico aí

ER 17. o que é que muda com esse recadastramento exatamente “a senhora falou” desse mapeamento desse conhecimento do servidor

ER 21. agora “vamos falar” do IPTU “nós falamos e discutimos e muito isso aqui” no começo do ano falando sobre a questão da inadimplência... ela AINDA é alta?

Entrevista 6:

ER 1. (...) “esse assunto foi sugerido por uma telespectadora” mas... quais são os sintomas?

Em termos de estrutura de participação, é possível que alguém que não esteja engajado diretamente em uma conversa, e que, mesmo sem ouvir o que está sendo dito, mas apenas observando os gestos e expressões faciais, possa entender de alguma forma o

⁴ Legendas para os exemplos: ER = entrevistador(a); EO = entrevistado; EA = entrevistada.

Assim, por exemplo, a sigla: ER 17 significa que é o turno 17 da conversa, proferido pelo entrevistador.

que está acontecendo na interação. A posição de participante não direto de uma conversa é o que se tem na situação de uma entrevista de televisão, em relação ao telespectador. É o que Goffman denomina de ouvinte ratificado (1998b), aquele que não participa diretamente da conversa, que se realiza no formato de entrevista, mas está autorizado a escutá-la e tem acesso ao que acontece entre aqueles que estão diretamente engajados na atividade conversacional.

Na situação específica da entrevista jornalística de televisão, o telespectador tem um papel mais importante do que simplesmente um ouvinte ratificado. Nesse caso, é especificamente para ele que a conversa é direcionada. Quando entrevistador e entrevistado sentam-se frente a frente, em um estúdio de um programa de televisão, para iniciar uma entrevista sobre um determinado tópico, ambos devem ter em mente o fato de que estão falando não apenas um para o outro, mas para uma gama de pessoas que estarão, indiretamente, sendo interlocutores daquela conversa.

A atividade conversacional nesse contexto irá exigir dos interlocutores oficiais – entrevistador e entrevistado – uma habilidade diferenciada da de uma conversação entre duas pessoas que se encontram sozinhas em um ambiente qualquer. Essa é a habilidade de gerenciar uma conversa que é dirigida também, e principalmente, a um participante que está ausente fisicamente, mas que participa como observador de tudo o que está acontecendo entre os dois participantes diretos daquela interação.

Nesse caso, em relação à negociação da imagem, o processo fica ainda mais complexo, visto que os interlocutores precisam levar em consideração que estão sendo observados por um terceiro participante que, de certa forma, não pode ser individualmente identificado. Goffman (1998b) também classifica os interlocutores ouvintes de uma conversa como endereçados ou não endereçados, distinção que pode ser obtida através de pistas visuais como também através de pistas linguísticas, como o uso de vocativos. Uma diferença básica entre os dois é que o endereçado seria “aquele a quem o falante remete sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante” (1998b, p. 78).

Alguns exemplos desta particularidade deste tipo de interação também foram observados em determinados enquadres das entrevistas analisadas, como ilustramos a seguir:

Entrevista 1:

4 EO: desde já a gente “fazemos um apelo a... aos vereadores” assim a: a seção foi uma solicitação da vereadora ((nome da vereadora))... e aí “fazemos um apelo à bancada... é: que possa tá presente”

74 EO: com certeza ((nome do ER)) então assim nós “nós precisamos desse apoio... do apoio da sociedade do apoio dos parlamentares do apoio de de todos os segmentos das igrejas” então é é

85 ER: boa seção “hoje na câmara as nove horas da manhã” né isso?

86 EO: é: “às nove horas da manhã e o ato público a partir das catorze horas no calçadão do comércio”

Entrevista 6:

1 ER: (...) entrevista aqui no estúdio é a síndrome do pânico “você tem alguma dúvida ou pergunta sobre a doença mande pra gente o endereço é gazeta web ponto com barra TV gazeta”

7 ER. então “pro pessoal poder saber ficar bastante atento” que é acho que esses casos tem aumentado né ((nome da entrevistada)) quais são os sintomas?

23 ER: a gente agradece aí a sua participação fica então o alerta né “pra todos esses sintomas pro pessoal”...

No caso específico da entrevista de televisão, através de pistas linguísticas explícitas, ou implícitas, como o convite feito nos turnos 85-86 da entrevista 1, o telespectador pode assumir o papel de ouvinte endereçado, de acordo com a nomenclatura sugerida por Goffman (1988b), até o ponto em que passa a ser a/s pessoa/s a quem o interlocutor (seja o entrevistador ou o entrevistado) remete sua atenção visual, ao olhar para a câmera quando fala. Passar a palavra a esse ouvinte ratificado, no entanto, só poderia acontecer na modalidade de uma entrevista interativa, o que não foi o caso de nenhuma das que compuseram o *corpus* da pesquisa realizada.

4 A negociação da imagem em entrevistas: outros trabalhos sobre a mesma temática

Na coletânea de trabalhos sobre contextos institucionais intitulada *Talk at work*, editada por Drew & Heritage (1992), dois entre os doze trabalhos apresentados abordam

o discurso que acontece no contexto de entrevistas jornalísticas de televisão. O primeiro é intitulado *Footing in the achievement of neutrality: the case of news-interview discourse* (CLAYMAN, 1992). O autor observa que o alinhamento (ou o *footing*, comentado aqui na seção anterior) do jornalista entrevistador concorre para uma possível busca por uma postura de neutralidade no discurso. Para o autor, a mudança de alinhamento do entrevistador possibilita a ele/ela engajar-se em uma conversa polêmica ao tempo em que mantém a postura formal de “neutralidade” requerida pela profissão (aspas do autor) (1992, p. 196).

O segundo trabalho é intitulado *On the management of disagreement between news interviewees* (GREATBATCH, 1992), e o tipo de entrevista enfocado tem mais de um entrevistado. Nesse tipo de conversação, o entrevistador faz o papel de mediador de um debate entre os entrevistados que são, em algum ponto, oponentes. O objetivo do autor é analisar a relação entre as distribuições de turnos no debate e o gerenciamento da discordância entre os entrevistados. O autor mostra que o processo difere marcadamente do que ocorre em discussões entre interlocutores numa conversação comum, desde que nesse tipo de debate a discordância não é produzida por turnos adjacentes, mas provocadas por e endereçadas para uma terceira pessoa, que é o entrevistador (1992, p. 277).

No contexto nacional, entre os trabalhos editados por Preti (1999; 2005; 2008), uma das pesquisas estuda o mesmo tipo de conversa analisado por Greatbatch (1992), ou seja, as entrevistas em que se instaura um debate entre os, mais de um, entrevistados: *Diálogos da mídia – o debate televisivo*. Esse é o título do trabalho de Aquino (2005), que buscou investigar “como interagem os participantes de uma atividade discursiva ao se envolverem em um debate televisivo objetivando melhor compreender essa unidade concreta de produção de linguagem” (AQUINO, 2005, P. 171). A pesquisadora conclui que nos programas em que esse tipo de interação é veiculado, nem sempre os debatedores chegam a um acordo, e que isso faz parte do interesse dos próprios programas, que é apresentar ao público as diversas opiniões de especialistas em torno de um tema polêmico. A autora finaliza o artigo explicitando que

embora muitos estudiosos (...) indiquem ser comum o estabelecimento de acordos, quando ocorrem discussões (ainda que se chegue a um acordo de que é impossível se estabelecer acordo), nesse gênero de discurso, no contexto específico de que tratamos, as atividades discursivas explicitam acordos parciais, seja em relação a porções do tópico de determinado interlocutor, seja pelo fato de ocorrer entre pares de participantes. (AQUINO, 2005, p. 192).

Em outro estudo, a mesma autora continua estudando o gênero debate, e as possibilidades de manutenção de acordos e desacordos na conversação, mas passa a focalizar então outro meio de comunicação: o rádio. No artigo intitulado *Cortesia e descortesia em debates radiofônicos – um estudo das sequências indicativas de desacordo* (AQUINO, 2008), a autora busca compreender as relações de cortesia ou de descortesia que ocorrem entre os interlocutores através da análise de sequências indicativas de desacordo em suas respostas. Ressaltando a importância dos componentes contextuais de um processo interacional, a autora afirma que o acordo e o desacordo são constitutivos da interação verbal, e que o seu encaminhamento no discurso vai depender de elementos como: as pessoas envolvidas, o objetivo da interação, o contexto no qual se desenvolve a ação, as regras que o evento comporta e as normas sociais estabelecidas pelo grupo e pela sua determinada cultura.

A partir desse ponto, observando as possibilidades de se amenizarem ou não as ações que ameaçam a imagem pública nas interações, a autora concorda com a premissa de que “cada sociedade tende a desenvolver suas regras de cortesia de acordo com os costumes de seus integrantes” (AQUINO, 2008, p. 365). Em seguida, a autora comenta sobre o processo de negociação da face nas interações privadas e públicas, através da seguinte afirmação:

Há o reconhecimento em nossa sociedade de que ser cortês é tratar com civilidade, é ser gentil, educado, é preservar a imagem do outro em interações privadas, “mais ainda em interações públicas, em que interagem outros participantes ou que sejam veiculadas pela mídia, em que se expõe em maior escala a face do interlocutor”. (grifo meu) (AQUINO, 2008, p. 366)

Grifei com aspas o trecho na citação de Aquino porque o tópico em questão está diretamente relacionado aos comentários feitos ao final da seção anterior deste artigo. Nesse trabalho, sobre o debate na mídia radiofônica, uma das considerações feitas pela autora, ao final, é que no contexto em que interagem, os políticos (sujeitos da pesquisa) “precisam preservar sua imagem, tentando não se apresentarem de modo descortês explicitamente” (AQUINO, 2008, p. 373).

Outro estudo que pode ser relacionado à temática que estudamos, tanto pelo objeto pesquisado como pela fundamentação teórica, é o artigo de Fávero e Andrade (1999): *Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas*. O objetivo do trabalho das pesquisadoras é estudar o processo de representação da imagem pública nas entrevistas apresentadas pela televisão, na cidade de São Paulo, estabelecendo um contraponto com as entrevistas publicadas pelo Projeto NURC/SP, em que “considerando-se a proposta do projeto, não há preocupação com o conteúdo, mas com o lingüístico” (1999, p. 154), ou seja, “interessa menos o que o entrevistado diz e muito mais o modo como diz, ou seja, o aspecto lingüístico” (1999, p. 165-6).

As entrevistas coletadas da televisão são de dois tipos diferentes, que as autoras classificam como, por um lado, entrevistas em que ocorre certa polemização, em que se instaura o debate de idéias e o confronto de opiniões, e, por outro lado, entrevistas onde se traça um perfil humano. Para coletar o primeiro tipo, as autoras escolheram um programa em que um mediador e quatro entrevistadores fazem perguntas para um único entrevistado; e para o segundo tipo, foram escolhidos dois programas em que o formato é o mesmo que foi selecionado para a presente pesquisa: um único entrevistador faz perguntas para um único entrevistado.

Os resultados apresentados no artigo de Fávero e Andrade (1999) apontam a polidez presente nas interações analisadas como um princípio regulador de conduta que possibilita a manutenção do equilíbrio social entre os participantes. Tanto nas entrevistas do projeto NURC como nas que ocorrem na televisão, foram encontradas marcas de polidez para atenuar o risco de invadir a privacidade do outro, indicando a preservação da

face dos interlocutores. Em relação às entrevistas jornalísticas, a relevância do contexto é evidenciada na seguinte afirmação feita pelas autoras, em suas considerações finais:

No que diz respeito às entrevistas sob análise, constatamos que, dependendo da linha adotada pelo programa de televisão e de quem é a personalidade entrevistada, a representação da imagem pública pode estabelecer-se de forma diferenciada, ou seja, não se pode predizer qual tipo de programa conterà uma interação com maior ou menor polidez. (FAVERO e ANDRADE, 1999, p. 175)

Como afirmei anteriormente, de uma maneira ou de outra, os trabalhos que foram apresentados nesta penúltima parte estão relacionados aos nossos estudos, seja em relação à fundamentação teórica e/ou ao objeto pesquisado, e contribuíram para as reflexões e encaminhamentos da pesquisa que deu origem ao presente artigo.

Considerações finais

Através de inúmeros estudos que analisam a fala em interação, entendemos que para conversar com os outros, não basta conhecermos o sistema linguístico e nos expressarmos através de frases construídas aleatoriamente ou gestos escolhidos ao acaso. Há toda uma gama de recursos que extrapolam a gramática e o léxico de uma língua, que usamos para que a nossa comunicação com os outros se realize da forma mais adequada possível a cada cenário do qual fazemos parte.

Compreendemos que em todas as situações de interação social em que se encontrem, as pessoas estão sempre empenhadas em negociar suas imagens, e que, conscientes ou não desse processo interativo, elas realizam-no de diversas maneiras, em maior ou menor grau de empenho, a depender, sempre, de cada contexto em particular.

No palco interacional da nossa vida cotidiana, observamos que existe uma grande diferença entre situações nas quais nos encontramos completamente sozinhos, e dessa forma livres para podermos nos expressar e agir de qualquer maneira, de outras em que nos deparamos com outra/s pessoa/s, seja fortuitamente ou não, em que temos que momentaneamente, no mínimo, dividir com ela/s o mesmo espaço. Nem todas as situa-

ções que se apresentam são ameaçadoras, mas sempre exigem de nós uma resposta, mesmo que essa resposta se faça através do nosso silêncio, pois só a nossa presença, em qualquer situação social, nos torna constituintes ativos do evento comunicativo.

Do contexto de um encontro fortuito, em um cenário qualquer, para o de uma entrevista realizada e veiculada em programas de televisão, muita coisa pode mudar. Com data, hora e local previamente agendados, as pessoas se encontram para conversar sobre um determinado assunto. Sob e sobre todas essas circunstâncias, os interlocutores constituem a interação e são por ela constituídos, ali, no momento em que atuam conjuntamente uns com os outros. As faces de cada um estão em foco, e são negociadas e renegociadas, a todo instante, e é esse processo que, com a devida instrumentação metodológica, nos propomos investigar, através da análise das práticas discursivas que podem revelar ou esconder, respectivamente, e relativamente, os elementos que constituem e representam a imagem social de cada interlocutor, na interação.

ABSTRACT: This work aims to situate the TV news interview oral interaction as a research object based on Goffman's face saving theory (1967), following the theoretical and methodological principles of the Interactional Sociolinguistics and Conversational Analysis. With this goal, it proposes to discuss the linguistic and discursive practices of the TV news interview according to the participants' face saving process, to present data from a research done on this object and briefly debate works from other authors that investigate the same theme.

KEY-WORDS: Face saving; News interviews; Oral interaction.

Referências

AQUINO, Z. G. O. de. Cortesia e descortesia em debates radiofônicos – um estudo das seqüências indicativas de desacordo. In: PRETI, Dino. *Cortesia Verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, D. *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 171-193.

BROWN, P. & LEVINSON, S. C. *Politeness*. Some universals in language usage. Cambridge: CUP, 1987.

CAMPOS, P. C. (2003) *A entrevista no jornalismo literário avançado*. In: <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/AEntrevistanoJLA.htm>. Acessado em 21/04/2011.

CLAYMAN, Steven E. Footing in the achievement of neutrality: the case of news-interview discourse. In : DREW; HERITAGE. *Talk at work*. Cambridge: CUP, 1992, p. 163-198.

DREW, P. & HERITAGE, J. (Eds.) *Talk at work*. Interaction in institutional settings. Cambridge: CUP, 1992.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: McKAY, Sandra ; HORNBERGER, Nancy H. (eds.) *Sociolinguistic and language teaching*. 8. ed, Cambridge: CUP, 2003, p. 283-306.

FÁVERO, L. L. e ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino. *Estudos de língua falada*. Variações e confrontos. 2. ed., São Paulo: Humanitas, 1999, p. 153-178.

GARRET, A. M. *A entrevista*, seus princípios e métodos. Trad. De Maria de Mesquita Sampaio et al. 10. ed., Rio de Janeiro: Agir, 1991.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual*. New York: Doubleday & Company, 1967.

_____. *Frame Analysis*. An essay on the organization of experience. New York: Harper & Row, 1974.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO; GARCEZ. (Orgs.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998a, p. 11-15.

_____. Footing. In: RIBEIRO; GARCEZ (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998b, p. 70-97.

GREATBATCH, D. On the management of disagreement between news interviews. In . In : Drew & Heritage, *Talk at work*. Cambridge: CUP, 1992, (P. 256-80).

LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. São Paulo: Record, 2001.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: CUP, 1983.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. Série Princípios, 2 ed., São Paulo: Ática, 1991.

MEDINA, C. de A. *Entrevista*. O diálogo possível. 3 ed., São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, E. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES et al. *Linguagem da cultura de massas: televisão e canção*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 115-135.

PRETI, D. (Org.) *Estudos de língua falada*. Variações e confrontos. 2 ed., São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.

_____. (Org.) *Cortesia Verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/ consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 120-141.

TAVARES, R. R. *A negociação da imagem na Pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió: EDUFAL, 2007.

Recebido em 28/07/2013.

Aprovado em 21/09/2013.